

# O léxico do namoro no *Tesouro Dialectal Português* (TEDIPOR)<sup>1</sup>

Xosé Afonso Álvarez Pérez  
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

## Abstract

This paper shows the usefulness of the glossaries included in many dialectal dissertations in order to understand better the vocabulary attached to any semantic field, not just those most related to material culture. To this end, these glossaries processed for the project *Tesouro Dialectal Português* (TEDIPOR) have been analyzed to extract all the vocabulary related to love relationships. Those forms were checked in several Portuguese dictionaries, and this comparative examination revealed that more than 60% of these words weren't collected in those lexicographic works. Therefore, it is evident that dialectal dissertations are very important sources of information and therefore, it should be a crucial task to make them available to scientific community.

**Keywords:** Lexicology, dialectology, dissertation, vocabulary, love relationship

**Palavras-chave:** Lexicologia, dialectologia, dissertação, vocabulário, namoro

## 1. O *Tesouro Dialectal Português* (TEDIPOR)

O *Tesouro Dialectal Português* (TEDIPOR) é um projecto desenvolvido em parceria entre o Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra e o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, responsável pela coordenação científica. Está integrado, por sua vez, numa rede mais ampla, a do *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, dirigido pelo Instituto da Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela, no qual, além das mencionadas instituições portuguesas, participam dezasseis universidades brasileiras.

---

*Textos Seleccionados, XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2012, pp. 540-554, ISBN 978-989-97440-1-1.*

<sup>1</sup> A elaboração deste trabalho beneficiou de uma ajuda para a formação avançada da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com fundos nacionais. A presente comunicação está inserida nos projectos *Tesouro Dialectal Português* (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal, PTDC/CLE-LIN/102650/2008) e *Tesoro del léxico patrimonial gallego y portugués. Banco de datos electrónico (corpus gallego) y cartografía automática* (Ministerio de Ciencia e Innovación, Espanha, FFI2009-12110).

O objectivo do projecto é integrar num corpus informático único o abundantíssimo património lexical que se encontra disperso actualmente em obras de formato heterogéneo: teses de licenciatura que estudavam a fala de uma localidade ou região, atlas linguísticos, artigos ou monografias de tipo onomasiológico, etc. Na sua primeira fase (2010-2012), o TEDIPOR trata 64 teses dialectais defendidas nas universidades de Coimbra e Lisboa *grosso modo* entre as décadas de 40 a 70 do século XX.

Esta edição electrónica pretende facilitar o acesso aos dados numa dupla perspectiva. Por um lado, disponibiliza-se a informação contida numa grande quantidade de trabalhos que, na sua maioria continuavam inéditos e de difícil consulta. Trata-se, portanto, de pôr em valor este imenso tesouro conservado nas nossas bibliotecas e que por razões de vária índole, entre elas a referida dificuldade de acesso, nunca foi aproveitado integralmente. Por outro lado, agiliza-se o trabalho com os dados face à tradicional edição impressa ou à sua reprodução electrónica fac-similar. Os materiais originais são submetidos a um processo de etiquetagem, lematização, geo-referência e classificação segundo diferentes parâmetros, entre eles a semântica; deste modo, a ferramenta informática permite pesquisar segundo múltiplos critérios, consultar simultaneamente dados provenientes de diferentes fontes e, inclusive, realizar cartografia automática dos resultados.

Por razões de espaço, não me é possível fornecer mais informações sobre este projecto, que se encontra já descrito em Álvarez *et al.* (2009), e também na sua página web<sup>2</sup>.

## 2. Objectivo do trabalho

As mudanças económicas, sociais e tecnológicas que se deram durante as últimas décadas implicaram o declínio –e, em muitos casos, a perda definitiva– do mundo rural tradicional e dos seus modos de vida, o que implicou o desaparecimento de muitas palavras associadas a essas actividades (agricultura tradicional, moinho e fabrico artesanal do pão, a casa rural de habitação,...). Uma das finalidades do TEDIPOR é, claramente, documentar o léxico associado a essas realidades em via de desaparecimento. Porém, a utilidade deste projecto para a análise lexical não se esgota nos campos semânticos mais tradicionais e associados à cultura material. O TEDIPOR serve como *notário* dos usos linguísticos das diferentes comunidades e das mudanças existentes com o passar do tempo, pelo que o seu corpus constitui um poderoso repositório diacrónico que se revela uma fonte imprescindível para o conhecimento da evolução do léxico em geral e, também, das mudanças dos valores

---

<sup>2</sup> <http://www.clul.ul.pt/pt/investigacao/330-tedipor-thesaurus-of-dialectal-portuguese> (última consulta: 1 de Fevereiro de 2012).

culturais e morais ou da estruturação de uma sociedade, de que o léxico é frequentemente espelho.

Para exemplificar esta utilidade, escolheu-se um campo semântico pertencente ao âmbito das relações humanas, o namoro; analisaram-se as designações referentes a este campo nos glossários de 35 teses de licenciatura<sup>3</sup> que exploram a fala de uma localidade ou área. Estas formas foram agrupadas tematicamente e contrastadas com dicionários da língua portuguesa<sup>4</sup>, de modo a verificar o seu grau de sobrevivência no português actual.

Este critério de contraste com os dicionários tem que ser visto como uma simples tentativa de discriminação, de um modo objectivo e sistemático, entre o léxico mais corrente e conhecido da língua e aquele menos frequente. É evidente que a ausência de uma forma nos dicionários mais habituais de referência não implica que seja pouco conhecida entre os falantes. Além de defeitos comuns na indústria lexicográfica –como o *auto-plágio* ou o pouco ou escasso apoio em fontes orais ou mais próximas da fala *real*–, em certos casos o facto das respostas das teses estarem ausentes dos dicionários deve-se a que nos glossários dessas dissertações foram dadas como entrada construções que normalmente não se recolhem nos dicionários, como seria o caso de *andar à poça de [uma moça]* (‘perseguir, andar detrás de’). Noutros casos pode dever-se a que as teses registam um uso metafórico ou especializado, por vezes irónico, como em *apanhar chicharros* (‘namorar sem intenção de casar’), matizes que não costumam estar recolhidos nas obras lexicográficas.

É importante insistir em que este é um trabalho focado no aspecto metodológico, uma amostra do interesse do tratamento sistemático dos materiais dialectais, mais especificamente as teses de licenciatura, que transmitem um corpus lexical muito rico, mas pouco estudado. Lamentavelmente, é impossível fazer agora um estudo etimológico e linguístico do material levantado, pois exceder-se-iam largamente os limites atribuídos a esta comunicação. No entanto, são trabalhos deste tipo os que disponibilizam os materiais para a sua análise posterior, e iniciativas como o TEDIPOR serão, sem dúvida, um progresso importante na investigação lexicológica sobre o português.

<sup>3</sup> Examinaram-se mais teses, mas nem todas continham léxico pertencente a este campo semântico.

<sup>4</sup> Seleccionamos quatro obras de referência: o *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora* (disponível em linha em <http://www.infopedia.pt>), o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* (<http://www.priberam.pt/dlpo>), o *iDicionário Aulete* ([http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete\\_digital](http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital)) e, por último, o *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (24ª ed.) de Cândido de Figueiredo, que inclui uma notável quantidade de léxico dialectal e que costumava ser a obra de referência para os autores das teses quando analisavam o significado do vocabulário que recolheram.

### 3. Corpus do trabalho

Como foi dito, o nosso inventário final abrange 35 teses, que têm uma ou mais palavras pertencentes ao campo semântico do namoro incluídas nos seus glossários. No total, o corpus é formado por 201 itens lexicais, que se reduziram a 140 após eliminar aqueles que se encontravam repetidos em duas ou mais obras. A sua distribuição nas teses é, no entanto, muito irregular:

18 formas	2 teses
17 formas	1 tese
10 formas	1 tese
9 formas	4 teses
8 formas	3 teses
7 formas	1 tese
6 formas	2 teses
5 formas	2 teses
4 formas	3 teses
3 formas	8 teses
2 formas	5 teses
1 forma	3 teses

O material, a fim de facilitar a sua consulta, foi agrupado em subcampos semânticos. Dentro de cada um deles, em primeiro lugar, agruparam-se aquelas formas que não se encontram registadas nos dicionários consultados e, obviamente, acrescentou-se o significado com que elas foram definidas nas respectivas teses; na reprodução do lema e da entrada respeita-se sempre a grafia original de cada tese. Na continuação, enumeraram-se as formas que, pelo contrário, foram documentadas nalguma das obras lexicográficas de referências, o que implica um certo grau de conhecimento na língua.

A grande maioria das teses apresenta uma secção dedicada à etnografia da localidade, ou zona, estudada. Nesse capítulo encontram-se, frequentemente, referências ao namoro e ao casamento. Não se procedeu, porém, a incluir estes dados no presente trabalho, porque muita da informação lexical recolhida nessa secção já se encontra também no respectivo glossário da tese. Do mesmo modo, é também normal existir uma antologia de etnotextos, com numerosas quadras nas quais o tema amoroso é um dos motivos mais comuns; finalmente, nessas antologias existem numerosos provérbios, normalmente agrícolas e meteorológicos, mas com referências ocasionais ao namoro. Antes de abordar propriamente os subcampos lexicais do namoro, na secção seguinte far-se-á um *excursus* que tenciona fornecer uma amostra da numerosa informação presente nas referidas secções das teses, de

modo a demonstrar a sua riqueza e a utilidade de um projecto que, complementando o que está a ser feito para o léxico, recolhesse os etnotextos e os provérbios presentes neste tipo de obras dialectais.

### 3.1. Etnotextos e provérbios. Informação etnográfica

São muito frequentes as recolhas de cantigas e quadras populares que tratam diferentes temas amorosos. Assim, por exemplo, Braga (1971: 217) recolhe em Quadrazais uma composição intitulada *Os sete sacramentos do amor*<sup>5</sup>, que estabelece um paralelismo entre a relação dos namorados e os sacramentos católicos: «O primeiro é baptismo, / confirmo que és baptizada. / Por isso quero que sejas / para sempre a minha amada. // Sigundo confirmação, / confirma, amor, a berdade. / Se eu te quero ó não, / Só Deus do céu é qu'ó sabe». A temática tratada pode ser muito variada. Vejam-se apenas dois exemplos, extraídos desta vez de Oliveira (1966: 194-195), que estudou a fala da Malhada Velha (concelho de Penela): «O mê amor me deixou / só p'ra bêr, o qu'ê fazia: / julgába qu'ê que choraba / ê canto com alegria» e «Minha mãe, logo à nôte, / - Ó filha, bai-te dêitar<sup>i</sup>; / ela pensa qu'ê que durmo / mas ê istou a namorar<sup>i</sup>».

Não faltam refrões e provérbios, que podem ser conselhos de actuação, como o recolhido por Silva (1944: 93) em Tondela: «Quem quiser namorar venha em dia de semana, porque ao domingo engana». Porém, na maioria dos casos as parémias são sobretudo reflexões gerais sobre o facto amoroso, tal como o provérbio recolhido em Monsanto por Buescu (1955: 308): «Julgam nos namorados qu'os mai têm nos olhos tapados». Em ocasiões, pode haver também uma glosa que explique o significado de um provérbio que, em caso contrário, seria bastante enigmático. A citada Oliveira (1966: 205) regista na Malhada Velha um refrão que se encontra também noutras localidades portuguesas: «Mês de Maio, mês d'amargura, inda bem num é manhẽ, logo é mesmo nouti iscura!»; a seguir, a autora explica a aparente contradição do provérbio: «A frase é irónica. Os dias de Maio são os maiores do ano. Mas para dois namorados que se encontraram, embora estivessem ele com uma grade às costas e ela com um cântaro à cabeça, o dia passara tão depressa, que ela diz a frase acima citada».

Noutros casos, a informação que se recolhe é de tipo etnográfico, descrevendo diferentes costumes da terra em relação com aspectos muito variados do namoro, que podem ir desde a escolha do namorado<sup>6</sup>, até ao começo do namoro<sup>7</sup> e à petição da mão,

<sup>5</sup> Também recolhe duas versões dos *Dez mandamentos do amor*, que concluem (p. 217) deste modo trágico: «Estes dez mandamentos / im dois se bêem a encerrar. / Ó tu há-des casar comigo / ó eu te mando matar».

<sup>6</sup> «A qualidade de bêbedo chegou a ser, até ao princípio deste século, uma das que recomendavam um moço para um bom casamento [...] preferiam, naturalmente, moço bem *parcido*, bem *fêto* (bonito), trabalhador,

pormenores que evocam um mundo completamente diferente do actual; de facto, várias teses dizem explicitamente que as descrições recolhidas na altura dos inquéritos tinham pouco a ver com o que era décadas atrás<sup>8</sup>.

### 3.2. Cortejar

Recuperaram-se nas respectivas teses 25 designações referentes à tentativa de conquista amorosa, das quais 16 não aparecem, com o mesmo significado, nos dicionários seleccionados como amostra. São as seguintes:

*Abobarar* – «Namorar, requestar» – Rezende 1961 [Canhas e Câmara de Lobos]

*Acometer* – «Seduzir, fazendo propostas indecorosas» – Maia 1965 [Terceira]

*Andar à poça duma moça* – «Perseguir uma moça» – Caldeira 1959 [Sines]

*Andar com péi de rojo* – «Fazer namoro; tratar com galantaria a mulher; pretender o seu amor ou boas graças» – Costa 1957 [Murteira]

*Arrastar o péi* – «Idem» – Costa 1957 [Murteira]

*Compadre* – «O rapaz a quem caíu em sorte como par uma rapariga (dia-de-compadres)» – Buescu 1955 [Monsanto]

*Contrário* – «Rival no namoro» – Cruz 1969 [Odeleite]

*Fadista* – «Geralmente aplicado a rapazes ou raparigas para significar que a pessoa em questão está bem vestida, com bom aspecto, etc. É um termo de galanteio» – Macedo 1939 [Madeira]

*Meter frente* – «Procurar agradar a uma rapariga (falando de rapazes)» – Carreiro 1948 [Nisa]

---

“home de vergonha na cara” (honesto), brincalhão, *advertido* (divertido, folgazão) e... bêbado. Porque, de quem não se embebedasse, dizia-se: “O Diabo tem ele, que nã é bêbado!”» (Guerreiro, 1968: 181-182).

<sup>7</sup> «Há o namoro que se estabeleceu por um hábito de conversação; há o que levou anos até ele concluir – “E sempre *gosti munto* de ti. A gente havia de casar os *doge*”, ao que ela pode responder – “Ora, calhando casamos”; há o pedido de namoro feito por carta, com encómios e frases que o Livro dos Namorados prescreve; há o pedido feito *de chofre* [=de repente, inesperadamente], em resposta a uma insinuação dela, maldosa, a certo moço que “parece que *nã le* tira os olhos de cima”» (Guerreiro, 1968: 182-183).

<sup>8</sup> «Depois de o rapaz ter trocado algumas palavras com a rapariga, normalmente junto da fonte, onde ela vai buscar água, combinam ir fazer o pedido aos pais da rapariga. [...] Se os pais da rapariga estiverem de acordo, chamam-na –ela em geral afasta-se para um quarto- e informam-na do pedido de casamento. Se ela também consentir, bebem uns copos a festejar o caso. A partir de então o rapaz passa a ir todas as noites *namorar* à casa da rapariga, conversando todos à lareira sobre os problemas da agricultura ou sobre assuntos banais. Na rua ela não fala ao rapaz, afastando-se se o encontrar [...] Hoje está tudo muito modificado. O emigrante chega de França para passar férias, enamora-se duma rapariga e, se não casa logo para levar consigo a mulher, ajusta o casamento para as próximas férias» (Braga, 1971: 35).

*Pau-de-marmelêro* – «Cajado ou varapau que os rapazes casadoiros usavam antigamente quando iam namorar, como espécie de insígnia ou sinal distintivo» – Costa 1957 [Murteira]  
*Marrolho* – «(*Marrubium vulgare*) marroio. *Chá de marrolho*: poção que dão as mulheres aos homens de quem gostam para que lhes retribuam afecto» – Medeiros 1964 [S. Miguel]  
*Perguntar* – «Pedir namoro pessoalmente» – Martins 1954 [Beira Baixa]  
*Perseguir* – «Cortejar, namorar» – Alves 1965 [Ericeira]  
*Prutender* – «Desejar casar com alguém» – Costa 1957 [Murteira]  
*Trambólho* – «Grande molho de qualquer coisa atada que os rapazes colocam, pelo Carnaval, à porta das raparigas que pretendem» – Alves 1965 [Ericeira]

Por outro lado, recuperaram-se 9 respostas que se encontram documentadas com o mesmo significado, ou outro muito semelhante, num ou em vários dos dicionários consultados. São elas: *acompanhamento*, *andar atrás*, *andar entusiasmado*, *arrastrar a asa*, *arrumar*, *falar casamento*, *falar namoro*, *falar rapapé* e *pedir de namoro*.

### 3.3. Recusar o pretendente

É menor o número de respostas recolhidas para este conceito. Existem apenas 8 designações, a maioria unidades complexas, das quais só 3 foram documentadas nos dicionários de referência.

As respostas *inéditas* são as seguintes:

*Apanhar mê testão* – «Diz-se dos rapazes que convidam as raparigas para dançar e não são atendidos» – Costa 1957 [Murteira]  
*Dar um cacete* – «O mesmo que *dar uma abóbora* (=Não aceitar um pretendente)» – Maia 1965 [Terceira]  
*Dar uma abóbora* – «Não aceitar um pretendente» – Maia 1965 [Terceira]  
*Dar uma bocha* – «O mesmo que "dar uma abóbora" (=Não aceitar um pretendente)» – Maia 1965 [Terceira]  
*Levar trapada* – «Levar tampa, levar sopa» – Caldeira 1959 [Sines]

As três formas documentadas nos dicionários de referência partilham a mesma base: *Cabaço*, *dar cabaço*, *levar o cabaço*. Note-se que esta designação triunfou na língua padrão enquanto um paralelo perfeito documentado nas teses, criado também sobre o nome de uma cucurbitácea, *dar uma abóbora*, não conseguiu esse estatuto.

### 3.4. Namorar

Agruparam-se 24 formas sob este conceito, das quais 15 não aparecem nas obras consultadas com o valor que consta nas teses. São elas:

*Aguigui* – «Àlerta [...] Esta palavra emprega-se na expressão: *àguiguí, àguiguí*, há coelho em casa de fulano, isto significa, àlerta, àlerta, um rapaz que não é da aldeia encontra-se em casa de fulano a namorar a filha. A este aviso os aldeãos reúnem-se e obrigam o namorado a dar-lhes determinada quantia para vinho desde que este se encontre em casa da rapariga após o pôr do sol» – Gamas 1941 [Vermiosa]

*Aguiguiar* – «Soltar o grito de *àguiguí*» – Gamas 1941 [Vermiosa]<sup>9</sup>

*Ainiar / asnear* – «além do seu significado próprio *-dizer asneiras-* significa também *namorar*» – Macedo 1939 [Madeira]

*Andar a monte* – «Namorar sem consentimento dos pais, às escondidas» – Reinas 1957 [Nave de Haver e Alamedilha]<sup>10</sup>

*Andar ao jeio* – «Namorar às escondidas» – Reinas 1957 [Nave de Haver e Alamedilla]

*Apanhar chicharros* – «Namorar sem intenção de casar» – Pereira 1952 [Madeira]

*Assistir* – «Namorar (*já le faz assistência*)» – Frias 1956 [Vila Chã (Ferreira d’Aves)]

*Dar de olho* – «Namorar» – Rezende 1961 [Canhas e Câmara de Lobos]

*Esposar* – «Namorar» – Vilhena 2000 [Herrera e Cedillo]

*Estar de certo* – «Diz-se depois do rapaz pedir a namorada ao pai» – Pereira 1952 [Madeira]

*Fazer frente* – «Namoriscar» – Dias 1982 [Terceira]

*Olhar* – «Namorar» – Mendonça 1962 [S. Jorge]<sup>11</sup>

*Pegar a riscar* – «Namorar» – Marques 1968 [Azóia]

*Pescanço* – «Namoro» – Rezende 1961 [Canhas e Câmara de Lobos]

*Pestancar* – «Namorar» – Pereira 1952 [Madeira]

As formas documentadas nos dicionários são as seguintes: *conversar, derriçar, derriço, falar (com/para), namorito, namoro* e *tomar namoro*.

<sup>9</sup> Aparece apenas no Aulete, com a seguinte definição: «v. intr. || (Beira) soltar o grito de *guigui*. F. *onom.*». Porém, não se indica a finalidade, nem o próprio significado de *guigui*, que não tem entrada na obra.

<sup>10</sup> É evidente o seu uso irónico, toda vez que uma aceção habitual de *andar a monte* é ‘estar fugido da justiça’.

<sup>11</sup> Com base neste verbo, é curiosa uma expressão relacionada com o namoro que inclui o dicionário de Cândido de Figueiredo (s.v. *olhar*): *olhar para a sombra* «diz-se dos rapazes ou raparigas que começam a sentir vaidade e a pretender namorar».



### 3.5. Namorado/a

Pertencem a este apartado 9 formas, das quais 7 não se documentam com o mesmo significado nos dicionários escolhidos como obras de referência. Evidentemente, formas como *esposo* ou *noiva* são perfeitamente conhecidas em português, mas o que interessa realçar é que há localidades, e não apenas nas comunidades lusófonas do lado espanhol da fronteira, em que o seu valor semântico é mais amplo, onde designam os namorados, e não só as pessoas que ajustaram o casamento ou que já celebraram a cerimónia matrimonial.

*Abobarador* – «Que abobara, isto é, que namora» – Rezende 1961 [Canhas e Câmara de Lobos]

*Esposados* – «Namorados» – Vilhena 2000 [Herrera e Cedilho]

*Esposo* – «Namorado» – Maia 1965 [Terceira]

*Noiva* – «Noiva. Em Herrera designa também a namorada, pois este termo não existe aí» - H» – Vilhena 2000 [Herrera]

*Noivo* – «Namorado (desde os primeiros tempos de namoro). | É raro empregarem *namorado*» – Medeiros 1964 [S. Miguel]

*Rapaz / rapariga* – «Namorado/a» – Nunes 1965 [Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar, Jardim do Mar]

Por contra, está bem atestada a vigência na língua actual das formas *conversado* e *namorado*. Também coloco neste apartado, pois aparece nalgum dicionário, mesmo se o seu uso na língua actual parece marcado, a forma *amores*, definida por Guerreiro (1968) como «Namorados, amantes (com o valor antigo de namorado). É sentida como arcaísmo, a palavra, tal como *amantes*, seu sinónimo».

### 3.6. Pelejas e abandonos

Agrupam-se nesta secção 13 respostas, das quais 7 não estão documentadas com este significado nas nossas obras de referência:

*Arrepiado* – «Frio de relações; arrefecido no convívio com alguém. *F. tá arrepiado com B. Aquilo nunca cheguim a casa(r)*» – Medeiros 1964 [S. Miguel]

*Bandolêra* – «Leviana, volúvel. Durante o noivado, eles costumam entregar às noivas tudo quanto ganham, a fim de elas comprarem o *doti* (roupas, utensílios caseiros, etc.). Se por ventura ela rompe o namoro, se o deixa, consideram-na uma *bandolera*». – Ratinho 1959 [Monte Gordo]<sup>12</sup>

<sup>12</sup> O dicionário Aulete recolhe, na acepção sexta da entrada *bandoleira*, a definição «Volúvel, inconstante (esp. no amor ou na amizade)». Coincide com o significado geral atribuído na tese; porém, como aparece

*Dar um par de correias* – «Roubar a namorada ou o namorado» – Paulino 1959

[Arronches]

*Gavina* – «Rapariga leviana» – Rezende 1961 [Canhas e Câmara de Lobos]

*Imbufes* – «Arrufos de namorados» – Pereira 1970 [Soajo]

*Lambrisca* – «Rapariga leviana (=Rapariga que namore um e o deixe para pegar noutro, é considerada *lambrisca* e não tem mais aceitação)» – Rezende 1961 [Canhas e Câmara de Lobos]

*Pegadouro* - «Namorado muito quesilento» – Maia 1965 [Terceira]

Como respostas documentadas nos dicionários de referência, existem seis formas: *Apartados, deixar-se, desborciado, fazer as pazes, pegar noutro e ralhão*.

### 3.7. Infidelidade e concubinato

Comparado com os restantes, este subcampo semântico recolheu um maior número de respostas. Tal facto pode dever-se, seguramente, a que a maioria dos autores das teses partilhava questionários similares de referência (em muitos casos, o do *Inquérito Linguístico Boléo*), pelo que as perguntas eram comuns a todas elas. Recolheram-se 46 respostas, das quais 20 não se documentam com esse significado nos dicionários de referência.

*Andar a cavalo dela* – «Homem que tem relações ilícitas com uma mulher» – Guerreiro 1968 [Colos]

*Andar de má vida* – «Viver imoralmente» – Costa 1957 [Murteira]<sup>13</sup>

*Apanhadiço* – «Filho de mulher solteira (pejorativo)» – Maia 1965 [Terceira]

*Baboso* – «Marido de mulher infiel» – Medeiros 1964 [S. Miguel]

*Cabra* – «Marido a quem a mulher não é fiel. O mesmo que *corne*» – Baptista 1967 [Escusa]<sup>14</sup>

---

apenas num dicionário e a entrada do glossário da tese parece transmitir um valor ainda mais concreto, o de mulher que rompe o namoro, achei mais conveniente mantê-la nesta secção de formas não documentadas na língua actual.

<sup>13</sup> Normalmente, a lexía complexa *má vida* refere-se à prostituição. A eufemística definição da tese não permite saber de que se está a falar, mas parece mais provável que se esteja a referir a pessoas que vivem juntas sem estarem casadas.

<sup>14</sup> Conhecemos, é claro, este significado no masculino, *cabrão*, mas não havia constância nos dicionários de referência de que a forma feminina puidesse ter este valor (sim para uma mulher que tem um «comportamento considerado promíscuo», Porto Editora, s.v.); por isto, considerou-se interessante mantê-la neste apartado.

*Casar a chocalho* – «Barulho com chocalhos à porta de quem se amanceba» – Ribeiro 1958 [Marmelete]  
*Chavelhão* – «Marido atraído pela mulher» – Reinas 1957 [Nave de Haver e Alamedilla]  
*Chavelhudo* – «Marido enganado» – Delgado 1970 [Baleizão]  
*Domingos de ovelhas* – «Homem enganado pela mulher» – Maia 1965 [Terceira]  
*Embarrigar-se* – «Deixar-se enganar» – Reinas 1957 [Nave de Haver e Alamedilla]  
*Felósia* – «Amante: *Aquela é a felósia de F...*» – Teixeira 1946 [Terras de Bragança]  
*Filho da mãe-Nazaré* – «Filho ilegítimo» – Maia 1965 [Terceira]  
*Filho das mauteiras* – «Filho ilegítimo» – Pereira 1970 [Soajo]  
*Mariquitas* – «Marido atraído pela mulher» – Reinas 1957 [Nave de Haver e Alamedilla]  
*Marrafão* – «Amásio»<sup>15</sup> – Buescu 1955 [Monsanto]  
*Metido* – «Amancebado» – Medeiros 1964 [S. Miguel]  
*Montar* – «Homem que tem relações ilícitas com uma mulher» – Guerreiro 1968 [Colos]  
*Ordenara* – «Mulher (...) de má vida» – Ribeiro 1958 [Marmelete]  
*Prantar-lhe as calças em cima* – «Homem que tem relações ilícitas com uma mulher» – Guerreiro 1968 [Colos]

Por outro lado, são também numerosas as respostas testemunhadas na língua padrão: *ajuntar-se*, *amante*, *amantizado*, *amásia*, *amigado*, *amigar*, *amigo/a*, *cabrão*<sup>16</sup>, *cadeleiro*, *chibarro*, *cornio*<sup>17</sup>, *cornio manso*, *cornudo*, *cuco*, *enganar*, *fidaputa*, *filho apanhado de fora*<sup>18</sup>, *galhadas*, *indautariado*, *indautiério*, *mulher da rua*, *mulher da vida*, *putanheiro*, *ter cornos* e *zorro*

### 3.8. Outros conceitos

Finalmente, reúnem-se nesta secção 15 formas que, pelo seu significado, não se podiam enquadrar dentro das secções anteriores.

<sup>15</sup> «(Depreciativo) Pessoa que mantém uma relação amorosa com outra com a qual não é casada; amante», dicionário da Porto Editora.

<sup>16</sup> Em Pereira (1952), que estuda a língua madeirense, recolhemos o diminutivo *cabrito*: «Nome que dão ao marido enganado pela mulher. "P. do Sol". Dizem também: *chibarro* e *bode*»

<sup>17</sup> Mesmo se a forma derivada *cornicho* aparece com entrada própria nos dicionários e nenhum deles assinala este valor, parece mais conveniente referi-la aqui, e não na secção de formas exclusivas das teses, a forma *cornicho* («Diz-se do homem atraído pela mulher») recolhida por Reinas (1957).

<sup>18</sup> *Filho de fora* no Aulete (s.v. *filho*).

- Ajujio* – «Sinal, assobio para chamar a namorada ou para reunir a ronda» – Reinas 1957 [Nave de Haver e Alamedilla]
- Dar picaria* – «Falar aos rapazes ou raparigas nos respectivos namoros» – Macedo 1939 [Madeira]
- Dote* – «Dinheiro que o rapaz exige aos pais da namorada *a quem desonrou* para casar com ela» – Martins 1954 [Beira Baixa]<sup>19</sup>
- Engarramiçado* – «Preso ou emaranhado como garramiço. Ex: *dois noivos muito engarramiçados*» – Carreiro 1948 [Nisa]
- Engavelados* – «Os moços *andam engavelados um no outro*; agarrados, misturados, como as paveias da gavela» – Guerreiro 1968 [Colos]<sup>20</sup>
- Estar em menina* – «Estar virgem» – Frias 1956 [Vila Chã]
- Lograr* – «Fruir amores» – Buescu 1955 [Monsanto]
- Males-ruins* – «Doenças sífilíticas» – Carreiro 1948 [Nisa]
- Maroto* – «Lenço bordado que as raparigas oferecem aos namorados e que eles usavam sob a gola da jaqueta» – Maia 1965 [Terceira]
- Marranadas (fazer)* – «Praticar actos sexuais» – Braga 1971 [Quadrazais]
- Merro de gaiola* – «Diz-se dos rapazes amigos de namorar e em quem se não pode ter confiança» – Macedo 1939 [Madeira]
- Passar uma sorte* – «Ter um deslize; mulher que dá um mau passo. T. da L. da Maia» – Medeiros 1964 [S. Miguel]
- Pulha* – «Cantiga em que se zomba das raparigas solteiras» – Neves 1959 [Penedono]
- Tirar o balor* – «Desonrar (uma rapariga)» – Braga 1971 [Quadrazais]
- Vaidoso* – «< Vaidoso (= leviano, namoradeiro) < vaidade» – Barros 1940 [Cós]

#### 4. Conclusão

Ao longo do trabalho, constatou-se que uma parte muito significativa do conteúdo lexical das teses examinadas não se encontrava atestada nos dicionários escolhidos como obras de referência. Em concreto, das 140 respostas únicas examinadas, 85 eram inéditas ou apresentavam um valor semântico distinto do habitual na língua padrão, o que significa uma percentagem de 60'71%. Assim, gostaria de salientar a grande utilidade que as teses dialectais apresentam para o conhecimento do léxico português no seu conjunto, e não apenas, como poderia pensar-se, no léxico mais etnográfico, ligado à cultura material.

<sup>19</sup> O sublinhado é meu. O significado habitual de *dote* é bem conhecido no português padrão, mas esta tese introduz uma perspectiva completamente diferente.

<sup>20</sup> Há, apenas, uma referência no Aulete, s.v. *engavelar*, que diz na sua terceira acepção «Copular-se (fal. especialmente do cão e cadela)».

**Referências**

- Alvarez, Rosario; Álvarez, Xosé Afonso; Saramago, João & Sousa, Xulio (2009) Presentación de un corpus digital de léxico tradicional: *Tesouro do léxico patrimonial galego e portugués*. *Fonetică și Dialectologie* 28, pp. 5-19.
- Alves, Joana Luísa Matos Ribeiro Lopes (1958) *Linguagem dos pescadores da Ericeira*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa [Publicada em 1993: *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa: Assembleia Distrital de Lisboa]
- Baptista, Cândida da Saudade Costa (1967) *O falar da Escusa*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Barros, Adélia Assunção (1940) *Alguns apontamentos dialectais*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Braga, Franklim Costa (1971) *Quadrazais. Etnografia e Linguagem*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Buescu, Maria Leonor de Lemos Viana Carvalhão (1955) *Monsanto – Etnografia e linguagem (Estudo etnográfico, linguístico e folclórico)*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa. [Publicada em 1961: *Monsanto. Etnografia e linguagem*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos]
- Caldeira, Maria Arlete Fernandes (1959) *O falar dos pescadores de Sines – Notas etnográficas, linguísticas e folclóricas*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Carreiro, Maria Eduarda Ventura (1948) *Monografia linguística de Nisa*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Costa, Maria Rosa Marques Lila Dias (1957) *Murteira, uma povoação do concelho de Loures – Etnografia, linguagem e folclore*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa. [Publicada em 1961: *Murteira, uma povoação do concelho de Loures – Etnografia, linguagem e folclore*. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa]
- Cruz, Maria Luísa Segura da (1969) *O falar de Odeleite*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa. [Publicada em 1991: *O falar de Odeleite*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica]
- Delgado, Maria Carolina Saramaga (1970) *O falar de Baleizão*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Dias, Maria Alice Leonardo de Borba Lopes (1965) *Ilha Terceira – Estudo de linguagem e etnografia*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa. [Publicada em 1982: *Ilha Terceira – Estudo de linguagem e etnografia*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional de Educação e Cultura; Direcção Regional dos Assuntos Culturais]
- Frias, Maria Amélia do Amaral Netto (1956) *Vila Chã (Ferreira d'Aves). Etnografia. Linguagem. Folclore*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.

- Gamas, Ricardo Geraldês (1941) *Subsídios para a linguagem agrícola da Vermiosa*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Guerreiro, António Machado (1968) *Colos (Alentejo) – Elementos monográficos*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Macedo, Deolinda Bela de (1939) *Subsídios para o estudo do dialecto madeirense*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Maia, Maria Lúcia Borba e (1965) *O falar da ilha Terceira*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Marques, Maria Casimira Almeida (1968) *O falar da Azóia, povoação próxima do Cabo da Roca na província da Estremadura*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Martins, Maria José Dias (1954) *Etnografia, linguagem e folclore de uma pequena região da Beira Baixa (Póvoa da Atalaia, Alcongosta, Tinalhas e Sobral do Campo)*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Medeiros, Maria de Jesus Chichorro de (1964) *A linguagem micaelense em alguns dos seus aspectos*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Mendonça, Elsa Brunilde Lemos de (1962) *Ilha de S. Jorge - Subsídio para o estudo da etnografia, linguagem e folclore regionais*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Moura, Constança da Silva Pires (1960) *Faia, aldeia do concelho de Sernancelhe. Etnografia, linguagem e folclore*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Neves, Edite da Silva (1959) *Penedono (Estudo linguístico e etnográfico)*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa, 1959
- Nunes, João da Cruz (1965) *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Oliveira, Maria Margarida Gama de (1966) *Malhada Velha (Um lugar da serra no concelho de Penela). Estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa. [Publicada em 1992: *Malhada Velha: Um lugar da serra no concelho de Penela: Estudo etnográfico, linguístico e folclórico*. Penela: Câmara Municipal de Penela]
- Palma, Branca Marília Seixal (1967) *O falar dos pescadores de Olhão*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Paulino, Maria de Lourdes Semedo (1959) *Arronches. Estudo da linguagem e etnografia*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Peixoto, Maria Ermelinda (1968) *Germil. Notas etnográficas e linguagem*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.

- Pereira, Maria do Carmo Noronha (1952) *Tentativa de um pequeno atlas linguístico da Madeira, e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar madeirense*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Pereira, Maria Fernanda Afonso Alves (1970) *O falar do Soajo*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Ratinho, Maria Filipe Mariano (1959) *Monte Gordo. Estudo etnográfico e linguístico*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Reinas, Maria Augusta da Fonseca Monteiro (1957) *Nave de Haver e Alamedilha (Etnografia, língua e folclore de duas aldeias arraianas)*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Rezende, Maria Ângela Leotte (1961) *Canhas e Câmara de Lobos (Estudo etnográfico e linguístico)*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Ribeiro, Maria Paulino Bento (1958) *Marmeleite – Estudo sobre a etnografia, folclore e linguagem*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Silva, Maria Bértula de Andrade (1944): *Falares da Região de Tondela. Contribuição para o estudo da linguagem da Beira-Baixa*. Dissertação de Licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Sousa, Ana Emília de Andrade e (1946) *Linguagem popular de Escarigo*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Teixeira, Maria Augusta Martins (1947) *Terras de Bragança (Linguagem e costumes de França, Baçal, Babe, Vila Meã, Sarzeda e Rebordãos)*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa.
- Vilhena, Maria da Conceição (1965) *Falares de Herrera e Cedillo*. Tese de licenciatura, Universidade de Lisboa. [Publicada em 2000: Mérida: Junta de Extremadura - Gabinete de Iniciativas Transfronterizas]